

PAISAGENS DO LITORAL NORTE DE SÃO PAULO

Fotografias aéreas de
PAULO C. FLORENÇANO

Comentários de
ARY FRANÇA

O litoral paulista é uma das regiões de nosso Estado mais bem estudadas, sob o ponto de vista geográfico, e constitui uma reserva inesgotável para a observação e interpretação das suas paisagens. Por isso mesmo, vamos focalizá-lo aqui através de algumas expressivas fotografias de PAULO C. FLORENÇANO, sócio cooperador da A.G.B..

O litoral paulista e seus contrastes. — O litoral da mais rica das unidades da Federação Brasileira é, em conjunto, por um dos chocantes contrastes em que costuma ser fértil a nossa Geografia Humana, a mais atrasada, a mais pobre e desprezada das grandes regiões paulistas.

Excluindo-se o setor central (*), onde as cidades de Santos, São Vicente e Guarujá reúnem quase 250 mil habitantes, graças às comunicações com o Planalto de São Paulo, à proximidade da Capital, ao porto santista e ao atrativo das praias de banho, nas paisagens da costa paulista a nota dominante é a desproporção entre a obra da natureza e a dos homens. Estes são insignificantes diante dos grandes quadros naturais: o paredão vigoroso da montanha dominada pela floresta, o oceano imenso e as planícies por vezes largas, niveladoras das grandes baixadas, onde rios numerosos serpenteiam depois de haverem recolhido as águas de torrentes e das chuvas copiosas (em média superiores a 3000 mm anuais) na orla do planalto.

Poucos homens: o recenseamento do último ano registrou para sete dos mais típicos municípios litorâneos (Ubatuba, Caraguatatuba, São Sebastião, Ilhabela, Itanhaém, Iguape e Cananéia), no total de 6.413 km², 52.195 pessoas (densidade 8,1 h.p. km²), das quais viviam nos principais centros 15.543 (população urbana e suburbana) e nas regiões rurais 36.652 (densidade 2,4). Grandes espaços inteiramente ou quase vazios, em encostas demasiado íngremes ou em baixadas alagadas, inconquistáveis pelos recursos primitivos da técnica local, dominam na maior parte de nossa região litorânea.

Isolados em grupos reduzidos, pelas praias, em colinas e terraços da borda marítima, ou, então, agrupados em maior número nas pequenas cidades, os *caçaras* (térmo que, em São Paulo, usualmente designa os homens do litoral, por oposição aos caboclos do planalto) têm pequena expressão demográfica, embora constituam uma das etnias mais características de regiões brasileiras. Sua vida econômica é singela e desprovida dos recursos, da técnica e do conforto modernos. Plantam pouco e pouco pescam. As vezes aceitam trabalho em plantações. Mas, em todos os casos, são medíocres os rendimentos, diminutas as áreas cultivadas, insignificantes os resultados, como nas pescarias.

Os níveis de vida são forçosamente baixos, nas pequenas cidades como nas zonas rurais. Naquelas, afóra os funcionários e marítimos aposentados, os

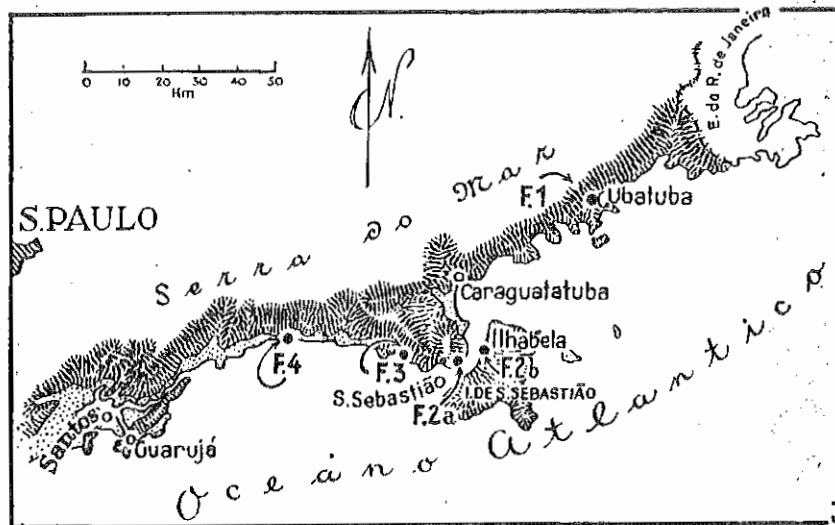
(*) Região, cidade e porto de Santos, pela sua importância e interesse geográfico, serão assunto para umas das próximas análises fotográficas deste Boletim, razão porque deixaram de ser objeto do presente comentário.

funcionários públicos, os comerciantes e artífices diversos, os hoteleiros e os que dependem, direta ou indiretamente dos veranistas de fóra ou de turistas ocasionais, não há ocupações certas para o elemento local; nestas, a atividade do homem limita-se a provêr à subsistência, o que o caiçara assegura com o cultivo itinerante de suas diminutas roças, com as "fruteiras" (árvores frutíferas) domésticas ou com o recurso à pesca incerta. Os elementos mais capazes, os moços sobretudo, desertam, buscando melhores condições de vida em Santos ou no planalto.

Dessa forma, a fachada litorânea paulista, que empolga pelo cenário rude e majestoso de suas praias, das montanhas, da floresta, dos costões abruptos, na mais variada sucessão, não possui cidades nem povoamento rural comparáveis aos dos tipos dominantes no Planalto Meridional brasileiro. Seu escasso contingente humano, ao invés de engrossar, é continuamente sangrado no que possui de maior valor.

Mas onde quer que se encontre ainda hoje um povoado caiçara, e principalmente nas cidades — velhos centros coloniais que, no passado, conheceram melhor sorte — subsistem as marcas de uma atividade mais intensa de outros tempos e mesmo de um esplendor desaparecido.

Se, hoje, algumas áreas e cidades, melhor aquinhoadas quanto a comunicações, conhecem (graças ao hábito planaltino de veranear ou passar fins de semana nas praias) novos elementos de paisagem e vida funcional, que se sobrepõem aos quadros tradicionais, são estes, contudo, os mais característicos das marcas humanas neste ambiente tropical — paisagens de arcaísmo e decadência, em oposição com a efervescência do desenvolvimento moderno da Capital do Estado e das mais ativas regiões paulistas. Nenhuma outra área do litoral do Estado de São Paulo é mais sugestiva quanto à variedade de aspectos e às paisagens da ocupação humana dos solos do que o chamado *litoral norte* (realmente, a costa a leste-nordeste da região de Santos). As fotografias aéreas, que comentamos a seguir, fixam algumas de suas paisagens.



Localização das áreas fotografadas.
(Mapa do prof. João Soukup)

Foto n.º 1 — A planície e a cidade de Ubatuba. — Quase no extremo oriental do chamado litoral norte de São Paulo, em uma planície reduzida, localizada no interior da enseada que tem o seu nome, a pequena cidade de Ubatuba (1515 habitantes, pelo recenseamento de 1950) é bem um símbolo do passado. Conserva dêste a fisionomia, com os seus velhos casarões, os amplos sobrados, as pequenas casas em ordem cerrada, a Matriz e Praça provincianas cercadas de imponentes palmeiras imperiais. Essas edificações, em que domina o conhecido estilo colonial português de influências orientais, cobrem hoje área bem menor do que em outros tempos (referimo-nos particularmente à metade do século passado), quando Ubatuba foi o importante pórtio do embarque do café proveniente do vale paulista do médio Paraíba e conheceu uma prosperidade jamais experimentada por nenhuma outra cidade do litoral paulista antes do surto moderno de Santos.

Os espaços vazios, que se observam entre os prédios coloniais de Ubatuba e as ruínas e vestígios de construções desaparecidas, são um atestado da estagnação atual e da decadência do velho pórtio. As instalações dêste não são visíveis na fotografia, mas apenas a rua ampla que conduzia ao embarcadouro e que, já na altura do cemitério (canto inferior direito), se transforma em estrada mal cuidada.

A praia da cidade pouco interesse tem, diretamente, para a aglomeração; é de *tombo* ou *brava* e as casas, voltando-lhe as costas, colocaram-se à distância prudente de suas vagas de fundo. Essa a razão por que, atravessando o rio Ubatuba por uma ponte, próximo à foz e encostada ao morro em que o curso de água apoia seu escoamento, uma estrada é lançada em direção a outra praia, a do Perequê. É este o balneário de Ubatuba e seu contorno pode ser visto parcialmente, além da ponte e do morro costeiro.

As raras habitações novas existentes na cidade (hoje são em maior número do que o revela a fotografia, tirada há três anos), pertencem, em geral, a pessoas de fóra que nos períodos de férias levam a Ubatuba alguma animação.

A planície, de que aparece uma parte na fotografia, surpreende pelo despovoamento. A rigor, não há zona suburbana na cidade. Passa-se, sem transição, do casario compacto para o capoeirão ou *jundi* da planície. Não faltam, na baixada como nos níveis inferiores e médios das escarpas, aqui relativamente suaves, vestígios de importantes atividades agrícolas, no passado. A devastação feita, outróra, na floresta deixou na paisagem manchas irregulares, umas mais claras, outras de capoeirões escuros, correspondendo a estágios diferentes da reconstituição da mata.

Em algumas encostas mais íngremes ou expostas à chuva e ventos do mar, como nas visinhanças da praia do Perequê, a mata dificilmente se reconstituiu neste país rural abandonado.

Fotos n.º 2 — As cidades do Canal de São Sebastião. — São Sebastião e Ilhabela são as duas cidades do amplo e profundo Canal que separa o continente da ilha de São Sebastião, celebrado como porto natural imerso e de águas tranquilas.

São Sebastião, em planície relativamente larga que se aprofunda até 2 quilômetros entre o mar e a montanha; *Ilhabela* (antiga Vila Bela), dispendo de estreita faixa de chão plano na montanhosa ilha de São Sebastião, são exemplos de sítio e traçado diferentes.

A primeira (foto 2-a) não sofreu limitações impostas pelo relevo e seus quarteirões quadrangulares, separados por ruas estreitas, atestam um desenvolvimento urbano antigo, normal nas cidades que floresceram no século passado, no Estado de São Paulo. Apenas, aqui foi interrompido territorialmente por velha propriedade fundiária, até há pouco indivisa. São marcas deixadas por este domínio, ainda, os restos de plantações (coqueiros) visíveis à esquerda da Igreja e a poucos passos da praça pública.

A paisagem rural das vizinhanças de São Sebastião, hoje, caracteriza-se pela dispersão das raras habitações e roças pela planície, onde o uso de cercas nos limites das propriedades e as "ruas" abertas e não construídas conduzem à impressão errônea de importante população. Nos merros vizinhos, que a devastação já remota mas continuada da floresta expôs à erosão, não existem mais solos aproveitáveis pela agricultura, limitando-se a sua função a alimentar mal um pequeno rebanho leiteiro. Nas praias mansas do Canal há pescadores e instalaram-se residências novas de veranistas, algumas aparecendo ao lado da estrada que se dirige para a baía de Caraguatatuba (esta visível no canto superior direito da fotografia). Tal estrada, de que aparece a reta ao fundo de São Sebastião, veio recentemente incrementar o turismo e veraneio em toda a região, pois é a artéria de comunicação com o planalto. Mas o eixo do porto de S. Sebastião (que não é visível na fotografia), obra moderna e dispendiosa do Governo Estadual, não tem as funções que lhe haviam sido destinadas, de escoadouro de vasta região do interior paulista e mineiro, pois lhe falta a articulação ferroviária. Enquanto aguarda esse incentivo a novas funções, São Sebastião, cidade que nada tem para exportar, permanece estacionária e com diminuta população (1815 habitantes, em setembro de 1950).

Ilhabela (foto n.º 2-b), estirando-se pela praia estreita e mansa, pois algumas habitações chegam a "arranhar" o mar, não passa de minúsculo aglomerado (407 habitantes, em 1950).

A Igreja, a praça pública triangular e o edifício da Justiça e Polícia (o pequeno "castelo" em face da praça), ao contrário do que acontece na maioria das nossas cidades, acham-se deslocados com relação ao centro. Este é constituído pelo bloco dos dois velhos quarteirões construídos, junto ao trapiche. Esse embarcadouro é particularmente importante para Ilhabela, pois através dele fazem-se as relações com o continente.

O desenvolvimento da antiga "Vila Bela da Princesa", interrompido já no século passado, apoderou-se da totalidade do espaço disponível. Os vazios de hoje, dentro da aglomeração, correspondem ao desabamento de velhas habitações abandonadas. Por outro lado, novas construções, pertencentes a veranistas atraídos pela sedução das tranquilas praias emolduradas pelas montanhas da ilha de São Sebastião, vieram substituir algumas das miseráveis habitações praianas. Outras estão tomando posição em pontos acessíveis favorecidos pelo descortínio de panoramas, na montanha. O grande edifício à esquerda é o novo Grupo Escolar.

A devastação total da floresta, inexplicavelmente não interrompida pelos homens de hoje (não há agricultura, nem criação em toda a área fotografada).

tornou os morros vizinhos a Ilhabela desnudos, pontilhados de matações, lavados e sulcados pelas íntensas chuvas de verão. Poucos pontos de nosso litoral são capazes de fornecer mais sugestivos exemplos de destruição total e irreversível de uma vigorosa floresta e do solo em que se apoiava.

Foto n.º 3 — Um povoado de praia no litoral norte: Maresias. — Quase todas as pequenas praias do litoral escarpado, que se estende no município de São Sebastião à fronteira com o Estado do Rio, têm um recanto habitado. Este, geralmente, é o da desembocadura de ribeirões que, infalivelmente, vêm serpentear na pequena planície de aluviões e lançar-se ao mar, com apóio na *costeira* (denominação dada às pontas rochosas que limitam as praias).

Na praia de Maresias, junto à costeira de leste, (canto superior esquerdo da fotografia) desemboca o rio Maresias, que acaba de receber o ribeirão Ipiranga, curso paralelo à linha da costa, correndo em meandros muito nítidos na parte esquerda da fotografia. Entre o leito do pequeno afluente e as dunas alinhadas na praia, existe uma faixa de terreno arenoso enxuto, onde se localizou o povoado (oficialmente *vila*, por ser sede de distrito no município de São Sebastião). Na extensa praia de 3400 metros, agitada pelos ventos do Sul (marítimos) e pelo violento Noroeste, que sopra periodicamente da montanha, Maresias abrigou-se nas dunas e na cobertura de árvores que a envolvem e impedem, não só maiores danos por parte dos elementos, como visão completa, mesmo aérea.

É esse um dos mais isolados povoados do nosso litoral, pois se o acesso por terra é uma aventura, por mar só é possível com tempo particularmente calmo. Consta o aglomerado de pouco mais de vinte miseráveis habitações, ligadas individualmente, como à praia e aos campos de culturas, por uma rede, pode-se dizer, natural ou orgânica da circulação interna.

Em torno da povoação é possível distinguir três estágios diferentes da rotação agrícola dos solos, pois o lavrador caiçara, em regra geral, não cultiva mais de 2 ou 3 anos seguidos no mesmo local. Assim, se as roças atuais (de mandioca, principalmente) ocupam a parte inferior esquerda da fotografia, o canto inferior da direita, despido de vegetação, foi até há pouco cultivado, sendo ainda visíveis algumas das picadas que o percorriam; além da última habitação da direita da fotografia, perto da praia, percebe-se um terceiro campo devastado, onde a mata está ensaiando a retomada do terreno (formação de capoeira). É este, o mais velho dos três espaços agrícolas fotografados, não significando que outros campos de culturas deixem de existir atualmente ou que a rotação de solos se faça apenas na vizinhança imediata do povoado; nem implicando em identidade morfológica ou funcional deste com tipos da tradicional aldeia européia. Trata-se de outro ambiente e diversos são os problemas.

Foto n.º 4 — Planalto e baixada a leste de Bertoga. — Destaca-se, no primeiro plano, o rebordo do planalto da Serra do Mar, superfície plana, inteiramente recoberta pela floresta virgem, numa região que não conta com vias de comunicações nem efetivo humano.

Ocupando a faixa central da fotografia, estende-se quase ao nível do mar ampla planície, a da grande praia de Boracéia, continuada à direita pela de Guaratuba (a fotografia cobre aproximadamente 13 quilômetros da orla costeira).

Entre esse segundo plano e o primeiro, a escarpa de falha característica não estabelece transição lenta; cai bruscamente mais de 900 metros, apresentando na face voltada para o oceano um dos monumentais paredões da Serra do Mar, frente intensamente dissecada de que se vêem apenas a linha superior e a forma de pão de açúcar assumida por um bloco rochoso mais resistente.

E' fácil concluir que tal relêvo se opõe à instalação humana. Também na baixada litorânea as marcas da ocupação do homem são nulas. Apenas junto ao pequeno esporão que emerge na baixada (à direita, na foto aérea), percebem-se antigas roçadas, não se distinguindo as raras habitações que, a exemplo do próprio processo de colmatagem da baixada, apoiaram-se naquela cutroira ilha, hoje morro do Itaguá.

Ao largo, vê-se a Ilha do Monte de Trigo, importante balisa da navegação costeira no litoral entre Santos e São Sebastião.

